

# Medos e paixões nas relações societárias psicanalíticas<sup>1</sup>

*Crisélia Sanromán Barral Chaves<sup>2,3</sup>*

**Resumo:** Este trabalho propõe uma reflexão sobre as dificuldades apresentadas nas relações interpessoais em uma sociedade de psicanálise, partindo do princípio que essas poderiam ser contaminadas pelos resíduos dos complexos infantis inconscientes. Aponta os riscos que esses resíduos representam às instituições psicanalíticas quando não devidamente elaborados.

**Palavras-chave:** relações interpessoais; relações institucionais; conduta emocional.

Freud (1914/1976) assinala que a conduta emocional dos indivíduos para com aqueles que lhe são de extrema relevância à sua vida é estabelecida em uma idade precoce. Pode futuramente progredir, mas não poderá livrar-se da sua natureza e de determinadas qualidades. Assim, todos aqueles com quem o indivíduo venha a se relacionar tornam-se figuras substitutivas dos objetos das primeiras experiências emocionais: pais e irmãos.

Partindo desse postulado, podemos inferir que os relacionamentos, por suas características intrínsecas que potencializam a reedição das experiências fraternais e parentais, têm maior probabilidade de despertar sentimentos inconscientes resultantes das relações primeiras. Neste sentido, a formação do analista seria o palco perfeito para reproduzir os conflitos inconscientes infantis. Tanto a configuração da formação, quanto a natureza do processo analítico, à qual o analista deve se submeter, poderiam favorecer que as experiências emocionais da primeira infância se estendessem além do divã. Portanto, poderíamos supor que: o analista didata ocuparia o lugar do “pai/mãe”; os colegas de formação exerceriam a função de “irmãos”; os supervisores/professores de “tios”; e, assim, sucessivamente, servindo de tela às projeções inconscientes. Desse modo, colegas que possuíssem a mesma “mãe” ou “pai” analítico poderiam experimentar angústias infantis bastante semelhantes às vivenciadas na tenra infância em relação às supostas preferências parentais pelo irmão, despertando, então, os velhos sentimentos de rivalidade, inveja e

1 Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise em 27 de setembro de 2013.

2 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB).

3 Meus agradecimentos ao colega José Vieira Nepomuceno Filho por suas colaborações no presente trabalho.

ciúmes. Esse mesmo conflito repetir-se-ia em relação aos supervisores e professores. A natureza das vivências parentais do analisando (“filho”) poderia interferir nas atitudes emocionais desse em relação aos seus “pais” (analistas), variando da admiração e gratidão ao ressentimento e inveja. Assim como os sentimentos direcionados aos “irmãos”, submetidos aos restos dos complexos fraternos, poderiam variar de cumplicidade amorosa criativa à competitividade hostil.

Usando ainda o modelo parental, os “pais” analíticos, assim como os “tios” poderiam ficar enredados nos seus antigos conflitos familiares. Aqueles dotados de experiências positivas com ímagos paternos tenderiam a estimular seus “filhos” ou “sobrinhos” a alcançarem a independência emocional e intelectual na convivência societária. Enquanto que aqueles cujas vivências emocionais com os representantes paternos foram sentidas como mais desastrosas tenderiam a subestimar, ressentirem-se e desaprovar as escolhas, opiniões e condutas de seus “filhos” ou “sobrinhos”.

Neste universo de projeções entrecruzadas, as relações seriam dominadas por intensa angústia para aqueles submetidos aos conflitos inconscientes. Assim, as reuniões de cunho científico ou que tratassem de questões administrativas poderiam ser contaminadas por opiniões defendidas com sentimentos deslocados de benevolência excessiva ou de intolerância febril. As divergências não seriam percebidas como contribuições, mas como ameaças e provocações. As relações institucionais estariam dominadas por um clima de superficialidade e desconfiança, desencorajando seus membros a revelarem suas verdadeiras opiniões. Essa atmosfera emocional poderia paralisar o grupo, provocar deserção, comprometer o desenvolvimento científico, desmotivar a participação de alguns indivíduos, afetar o crescimento institucional dos seus membros ou promover cisões organizacionais irreparáveis.

Wortis (1954), ao narrar suas experiências como analisando de Freud, afirma que esse tendia a rejeitar as explicações racionais e intelectuais das desavenças: “não são as diferenças científicas que mais importam: geralmente, é algum outro tipo de animosidade, inveja ou vingança, que dá impulso à inimizade. As diferenças científicas vêm depois” (Wortis, 1954, p. 163).

Embora sejam conhecidas de todos nós as desavenças entre vários psicanalistas célebres, vale a pena rememorar alguns episódios de modo a subsidiar as ideias anteriormente expostas. Jones, em seus relatos sobre as dissensões entre Freud e seus colaboradores, justifica: “quaisquer complexos infantis não resolvidos podiam encontrar expressão na rivalidade e no ciúme pela sua predileção” (Jones, 1953a/1989, p. 139). Ele continua: “com o passar do tempo, a atmosfera tornava-se cada vez mais desagradável. Havia maledicências, observações cáusticas, brigas por prioridade em pequenas questões e assim por diante”. (Jones 1953a/1989, p. 139). Segundo Jones (1953a/1989), quando os sentimentos de rivalidade não mais podiam ser contidos, Adler foi quem provocou a primeira cisão no movimento psicanalítico.

Peter Gay, comentando as divergências entre Abraham e Jung assinala: “Freud, aconselhando a necessidade de paciência e cooperação, interpretou afavelmente a atitude um tanto fria de Abraham em relação a Jung como uma forma inofensiva, quase inevitável, de rivalidade entre irmãos”. (Gay, 1988, p.197). Em outra passagem, Gay reproduz um trecho da carta de Jung a Freud nos primórdios da relação: “que me permita desfrutar da sua amizade, não como entre iguais, mas como entre pai e filho” (Gay, 1988, p.195). Ainda em relação a Freud e Jung, o mesmo autor aponta que, anos mais tarde, no início da contenda entre os dois, um dos sonhos de Jung foi interpretado por Freud como desejo de destroná-lo. Gay relembra uma passagem da carta de Jung a Freud, no auge da discórdia, em que esse enfatiza seu desejo de autonomia: “paga-se mal a um mestre se se mantém apenas como discípulo” (Gay, 1988, p. 218).

Na história da psicanálise não faltam, exemplos de relacionamentos conturbados entre psicanalistas ilustres e seus colaboradores, e entre analistas renomados e seus analisandos. Relações iniciadas com sincera admiração de ambas as partes seguidas de rompimentos violentos, repletos de ressentimentos e perseguições. Além dos exemplos citados acima, podemos evocar: Freud e Ferenczi, Freud e Rank, Klein e Heimann.

No quesito rompimento dramático entre “pai” e “filho”, o episódio Freud e Ferenczi merece ser relatado. Com base em Jones (1953b/1989), Ferenczi era, sem dúvida, o “filho” predileto de Freud. As divergências entre eles surgiram quando aquele ampliou a técnica analítica a outras práticas pouco comuns à psicanálise: como a análise mútua e a “ternura materna” para com seus pacientes. A morte de Ferenczi provocou sentimentos contraditórios em Freud: “Um sentimento confuso, por um lado, o alívio por ele ter escapado da terrível deterioração – nas últimas semanas não conseguia nem andar nem falar e os delírios eram piores do que sabíamos – por outro lado, apenas agora a dor da perda dos tempos antigos, o que ele significou para nós, embora tivesse se distanciando de nós há anos” (Molnar, 2000, p. 212) .

Em relação ao adoecimento e conseqüente morte precoce de Ferenczi, Freud conclui: “No centro estava a convicção de que eu não o amava o suficiente, não queria reconhecer seu trabalho e também que eu o havia analisado mal. Suas inovações técnicas estavam relacionadas com isso, ele queria me mostrar como deveríamos tratar os pacientes com amor a fim de ajudá-los” (Molnar, 2000, p. 212).

Na condição de controvérsias entre “irmãs”, buscando ocupar o lugar da herdeira do pai da psicanálise, a mais famosa foi a de Anna Freud e Melanie Klein. Esse capítulo da psicanálise teve contribuições de diversos fatores: antigas rivalidades pessoais, fato de Anna ser a filha legítima de Freud, divergências teóricas e a difícil situação de Melanie Klein com sua filha Melitta Schimideberg, umas das suas críticas mais fervorosas, que se associou ao grupo de Anna Freud. Este momento de muita tensão foi marcado como uma séria ameaça de ruptura na Sociedade Psicanalítica Britânica (Steiner, 2002/2005).

Para entendermos melhor como os resíduos dos complexos infantis podem seguir rumos incertos, recorro ao episódio Klein e Heimann, já citado. Heimann, além de ter sido analisada de Melanie Klein, foi também uma das suas colaboradoras mais atuantes durante a década de 40 (Figueira 1994). Segundo esse autor, o rompimento desse importante relacionamento ocorreu quando, em 1949, Paula Heimann decidiu apresentar seu trabalho acerca da contratransferência sob os protestos e súplicas de Klein. Ainda sobre esse evento, Figueira aponta que, no trabalho de Heimann, não houve qualquer citação a respeito das colaborações teóricas da mestra e ex-analista. O que, segundo o autor, provavelmente, colaborou para a irritação de Klein, além do temor de que suas ideias fossem usadas para criar interpretações orientadas apenas na subjetividade do analista. “Com o rompimento, não só a relação profissional entre elas foi abalada; também seu convívio pessoal e social tornou-se difícil” (Figueira, 1994, p.99). Heimann foi destituída do cargo que ocupava na Melanie Klein Trust Foundation, pela própria Klein, em 1955, afastada dos grupos de formação e, aos poucos, foi se desligando do grupo kleiniano – no qual seus analisandos não eram mais aceitos. Neste mesmo ano, Klein expõe seu conceito de inveja inata – em trabalho apresentado no Congresso de Genebra –, do qual Heimann discorda publicamente (Figueira, 1994).

Ainda em relação à influência de Klein sobre seus ex-analisandos e colaboradores, é útil rever uma observação de Zimerman a respeito de Bion: “terá sido uma mera causalidade o fato de que o início dos trabalhos mais originais, despojados e criativos de Bion, na década de 60, tenha coincidido com o período que se seguiu logo após a morte de Melanie Klein?” (Zimerman, 2004, p.128).

É necessário recordar que, desde os tempos mais remotos, a rivalidade entre irmãos, assim como a usurpação do poder paterno, com suas inevitáveis consequências, preocupam a humanidade. Duby (1995), historiador francês que relata os costumes sociopolíticos da idade medieval, assinala os cuidados adotados pelos senhores feudais buscando a conservação do patrimônio político e material: o título nobiliárquico e os bens materiais eram transferidos por direito ao filho primogênito; os demais filhos homens eram cuidados pelos tios maternos de forma a evitar futuras disputas familiares. Com a rivalidade entre irmãos controlada, o perigo de fragilização do feudo, devido às disputas pelo poder, era afastado. Suponho que o fato de irmãos serem criados em feudos separados dificultava a união entres eles, assegurando, assim, o pátrio poder.

Nos requisitos equidade governamental e neutralização do individualismo, coube a Platão essa preocupação, de forma quase que pioneira: “Podes então dizer se, nas outras cidades, há governantes que tratam com seus colegas de governo a uns como amigos e, a outros como estranhos?” (Platão, Século IV a.c., p. 158). Na tentativa de solucionar essas questões, propõe que as crianças cresçam apartadas dos seus pais, de maneira que nenhum cidadão possa identificar nem sua descendência, nem sua ascendência. Assim, o filósofo supunha que, ao implantar tal ação, o comportamento afetivo dos cidadãos diante

do infortúnio ou da boa-venturança seria percebido por todos de forma semelhante: “nessa cidade mais do que em qualquer outra, todos em unísono dirão, quando acontecer algo de bom ou de mau a um qualquer dentre eles, aquelas palavras que há momentos referíamos que ‘as minhas coisas vão bem’ ou que ‘as minhas coisas vão mal’” (Platão, Século IV a.c., p.159). De maneira utópica, Platão tenta solucionar as injustiças governamentais que surgem a partir das facilidades concedidas aos “conhecidos” e as dificuldades impostas aos “desconhecidos”. Sugere que o desconhecimento das origens familiares do indivíduo eliminaria qualquer imparcialidade nas suas ações e emoções. Ele supunha que essa proposta erradicaria o que há de humano no sujeito, na tentativa de criar um indivíduo aos moldes do Dr. Spock<sup>4</sup>.

A partir da percepção exposta, fica clara a relevância das recomendações de Freud (1937/1976) sobre os cuidados do fim da análise. Ele salienta pontos primordiais referentes às questões aqui apresentadas: O risco dos resíduos da transferência negativa que não foram tratados durante a análise retornarem deslocados do objeto; a inviabilidade de analisando trazer todos os seus conflitos à transferência; e a impossibilidade do analista evocar todos os possíveis conflitos a partir da situação transferencial. Nesse contexto, as recomendações de Bion (1957/1994) referentes à importância na análise da parte psicótica da personalidade ganham inestimável importância na análise dita didática. A expansão da parte não psicótica da personalidade poderá acolher os conflitos resultantes dos restos infantis de modo que os mesmos possam ser pensados. Evitando, portanto, as projeções idealizadoras ou denegridoras que ofuscam a realidade e prejudicam a convivência societária suficientemente boa. Assim como a inevitabilidade de lidar-se com as diferenças individuais impostas pela percepção da realidade de cada um.

#### **Fear and passion in psychoanalytic's corporate relations**

**Abstract:** This paper proposes a reflection on the difficulties presented at the interpersonal relations in psychoanalytic society, assuming that these ones could be contaminated by residues of unconscious infantile complexes. Points out the risks that these residues represent to the psychoanalytic institutions when not properly conducted.

**Keywords:** interpersonal relations; institutional relations; emotional conduct.

#### **Miedos y pasiones en las relaciones societarias psicoanalíticas**

**Resumen:** Este trabajo propone una reflexión sobre las dificultades presentadas en las relaciones interpersonales en una sociedad de psicoanálisis, asumiendo que esas podrían estar contaminadas por residuos de complejos infantiles inconscientes. Señala los riesgos que esos residuos representan a las instituciones psicoanalíticas cuando no están debidamente elaborados.

**Palabras clave:** relaciones interpersonales; relaciones institucionales; conducta emocional.

4 Personagem da série “Jornada nas Estrelas” que personaliza o raciocínio lógico sem qualquer contaminação da emoção.

## Referências

- Bion, W.R. (1994). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).
- Duby, G. (1995). *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal.
- Figueira, S. A. (1994). Paula Heimann. In *Contratransferência de Freud aos contemporâneos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1976). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Gay, P. (1988). Elaborações: 1902-1915, Política psicanalítica. In *Freud uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1955).
- Jones, E. (1989). Parte 1 – Vida: Dissensões. In *A vida e a obra de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953a).
- \_\_\_\_\_. (1989). Parte 1 – Vida: O Comitê. In *A vida e a obra de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953b).
- Molnar, M. (2000). 1933, Ferenczi, segunda 22/5/1933. In *Diário de Sigmund Freud, 1929-1939, Crônicas Breves*. Porto Alegre: Artmed.
- Platão (2006). Livro V. In *A República*. São Paulo: Martin Claret. (Trabalho original do século IV a.c.).
- Steiner, R. (2005). Controvérsias Freud-Klein (1941-45). In *Dicionário internacional da Psicanálise* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 2002).
- Wortis, J.S. (1954). *Fragments of an Analysis with Freud*. New York: Simon and Schuster.
- Zimerman, D. E. (2004). O trabalho com psicóticos. In *Bion da teoria à prática, uma leitura didática*. (p.121-128) Porto Alegre: Artmed.

Crisélia Sanromán Barral Chaves  
STN Bloco M, Sala 313  
Ed. Centro Clínico Vital Brasil  
Asa Norte, 70.770-909 Brasília/DF  
(61) 3273-8763  
criseliasanroman@gmail.com